

IDEOLOGIAS, MENTALIDADES E FÉ CRISTÃ

Resposta a um questionário

*Professores do Centro de Estudos
Superiores da Companhia de Jesus*

Nota da Redação

A 15 de outubro de 1985, o Secretariado para os Não-Crentes, da Santa Sé, enviou às Conferências Episcopais, às Universidades Católicas e aos membros e consultores do Secretariado um questionário sobre o tema da Assembléia Plenária do mesmo Secretariado, a ser realizada em 1988. Também nosso Centro de Estudos Superiores recebeu o pedido e elaborou o texto que ora publicamos, resultado de uma reunião conjunta dos professores das duas Faculdades que constituem o Centro: Filosofia e Teologia.

O questionário enviado pelo Secretariado para os Não-Crentes era o seguinte:

- 1. Quais são as ideologias e mentalidades que predominam em seu país? Que impacto exercem sobre o pensamento e a vida do homem de hoje?*
- 2. Em que medida afetam o pensamento e a vida dos cristãos?*
- 3. Que dificuldades acarretam para a fé e compromisso cristãos as ideologias políticas? Exercem um papel de purificação e de discernimento com respeito à fé e à prática cristã?*
- 4. Que riscos e oportunidades representam para a vida de fé as mentalidades tecnológicas?*
- 5. Sugestões pastorais para a apresentação da fé e para a orientação da vida cristã num mundo marcado pelas diferentes ideologias e mentalidades contemporâneas.*

O Centro de Estudos Superiores preferiu abordar a totalidade da questão sem ir respondendo a cada pergunta em particular, mas levando-as todas em consideração. No final, faz-se uma síntese relacionando o que foi dito com cada uma das perguntas.

Pareceu-nos logo de início pertinente relevar a distinção já conhecida nas Ciências Humanas entre mentalidade e ideologia. A primeira pertence ao campo da Psicologia Social. Diz antes respeito ao comportamento, à maneira de percepção dos indivíduos. Assim uma mesma mentalidade pode atravessar diversas ideologias. A ideologia, por sua vez, é um conceito de natureza sociológica, política. Se a mentalidade consi-

dera as atitudes dos indivíduos, a ideologia ocupa-se dos interesses dos grupos.

Uma primeira constatação fundamental é a marca individualista da mentalidade que se impõe cada vez mais. Esta característica se manifesta em nosso contexto sobretudo sob a forma de reivindicação dos *próprios* interesses, colocando-os acima de qualquer outra consideração, quer eles sejam individuais no sentido estrito, quer sejam de grupos. Mas o peso não cai no caráter corporativo do grupo, mas no cunho de ser *seus* interesses. Portanto é uma forma de individualismo.

Apesar de o país ter imensas massas pobres, parece que tal mentalidade individualista as atinge também. Pois não se trata somente da forma individualista no nível da posse, mas existe também semelhante expressão de individualismo no *nível da aspiração*, que afeta sobretudo os segmentos carentes da sociedade. Portanto essa mentalidade individualista independe, em grande parte, do nível real de posse. Todos estão sob impacto instigador da Sociedade consumista e competitiva, que impulsiona a dinâmica individualista. E o modelo econômico desenvolvimentista, planejado, propalado e colocado em curso no país, assenta-se sobre o pilar das aspirações individualistas consumistas.

Diante de tal fato, reconhecido como relevante por todos, já não nos parece tão claro a profundidade de seu impacto nos diversos segmentos sociais do país. Com efeito, o Brasil é um país muito diversificado quanto às culturas, ao ritmo de desenvolvimento, às reações frente ao impacto da modernidade. Há regiões de migração européia mais recente, há outras marcadas mais pela presença indígena e/ou negra, outras onde longa tradição religiosa ibérica (especialmente lusa) ainda se faz sentir. No interior de muitas regiões do país existe ainda um ethos familiar, de parentesco, de compadrio, que se movimenta numa dinâmica mais solidária, mais societária, mais impregnada de acolhimento e abertura aos outros e menos tocada pela mentalidade individualista de que vimos falando.

A coexistência dessas duas dinâmicas, de certa maneira, opostas, suscita-nos a pergunta pelo resultado de seu embate. De um lado, há sinais positivos de que a mentalidade individualista não se imporá sem mais, de tal modo que a evolução e o quadro atual da Europa não podem ser considerados automaticamente como antecipação de nosso processo futuro. Pesquisas têm mostrado, p.ex., como a religião africana dos negros resistiu durante séculos ao impacto da religião católica dominante. Sob a capa de nomenclatura de santos ou ritos católicos, permanecia praticamente intacta uma estrutura religiosa nitidamente africana. Há escritores que têm denunciado o fracasso dos modelos econômicos até então tentados por terem descuidado o lado cultural autóctone, ori-

ginal do país. Ora, há na identidade brasileira alguns traços profundos que parecem opor-se à mentalidade individualista, tão forte em países do ocidente europeu.

Mas há outros fatos que questionam esse otimismo. Se é verdade a existência, no meio popular de formação tradicional religiosa, de "uma tendência inata a acolher as pessoas, a partilhar o que tem, a viver a caridade fraterna e o desprendimento (sobretudo no meio dos pobres), a compadecer-se do sofrimento alheio", valorizando "muito os vínculos especiais da amizade oriundos do apadrinhamento" e prezando não menos a família e as relações que ela estabelece" (Puebla, nº 17) e portanto de uma resistência à maré individualista, não é menos verdade que há enorme desigualdade de forças no embate entre as duas dinâmicas. Enquanto que o povo resiste com suas forças e estruturas pobres, de alcance restrito, o individualismo é-lhe inculcado por poderoso sistema de comunicação. Mais: é todo o sistema que batalha na linha do individualismo, da centração nos próprios interesses. E além disso, recentes pesquisas têm mostrado que tanto menor é o grau de resistência de uma cultura tradicional, quanto mais ela se insere ativamente no mundo produtivo. Ainda existem no Brasil imensas maiorias fora do processo produtivo, permitindo portanto essa reserva espiritual e humana de cunho solidário. Mas o esforço gigantesco, que se está fazendo no país para integrar cada vez mais gente no processo ativo produtivo econômico, preanuncia um crescimento da mentalidade individualista, independentemente do nível econômico. Pois tal processo acontece com pessoas de recursos econômicos abundantes ou escassos. Assim fazendeiros ricos, que viviam em estrutura econômica tradicional, também conservavam essa mentalidade arcaica. Mas à medida que se tornam empresários da agroindústria, transformam sua mentalidade. E o mesmo acontece com as camadas populares.

Há outra constatação teórica importante sobre esse processo de transformação da mentalidade do nosso povo em direção a uma mentalidade mais individualista. Os ethos culturais tendem a desaparecer quando tentam simplesmente resistir. As forças novas terminam por transformá-los. Um ethos só se conserva, sendo criativo, assumindo a provocação dos novos dados e renovando-se. Portanto, a pergunta correta não deveria ser qual das duas dinâmicas triunfará, mas como a dinâmica da solidariedade poderá renovar-se, ser criativa no interior de uma Sociedade, em que a dinâmica individualista é forte, penetrante, dominante.

Nesse momento, aparece com maior clareza qual é o impacto que tal problema causa sobre a fé e como pastoralmente tem-se respondido ou pensa-se poder responder. Pertence ao núcleo do Cristianismo a di-

mensão teológica da gratuidade, da fraternidade. E a mentalidade individualista degenera facilmente num egoísmo que se caracteriza à luz do evangelho como fonte de ruptura com Deus e com os irmãos. Numa palavra, de pecado. Tal mentalidade é real desafio e ameaça à fé cristã. Não se pode eludir tal problema.

Há uma solução pastoral em curso que tem procurado articular o aspecto reivindicativo da mentalidade individualista de um lado e a gratuidade da fé doutro. Trata-se das comunidades eclesiais de base. Enquanto elas estão envolvidas em movimentos e lutas populares de cunho reivindicatório, não estão imunes dessa dinâmica e tendência de colocar no centro os *próprios*, os *"seus"* interesses. Mas doutro lado, elas têm procurado conservar a dimensão de celebração, não só das vitórias, das conquistas desses interesses, mas também dos fracassos, das derrotas. A dimensão de cruz, de seguimento do Senhor crucificado, que lhes dá sentido, quer nas vitórias como nas derrotas, faz com que a dimensão reivindicatória dos próprios interesses não se torne a central e decisiva.

Além do mais, faz-se mister um esforço teórico e pastoral de perceber a dupla realidade da alienação. A alienação do trabalho, pela qual as classes populares são mantidas oprimidas, exploradas. Tal alienação se vence pela solidariedade na luta. E as CEBs se empenham em tais lutas. Mas existe uma alienação ainda mais profunda que não se supera com as conquistas políticas e econômicas, antes pode até mesmo aumentar e surgir com ela: a alienação do sentido. O lado religioso, litúrgico, de leitura e meditação da Palavra de Deus, de seguimento de Jesus, que as CEBs procuram viver nos diversos momentos de sua caminhada, lhes pode garantir a superação da alienação do sentido. Numa palavra, a dimensão econômica, de alienação como de superação, ainda que fundamental, não é a última nem a decisiva na superação radical da alienação. A alienação do sentido se supera pela fé. E é esta a nossa contribuição fundamental na pastoral. A fé vem também de encontro com uma dimensão profunda do homem de sociabilidade que a pura superação econômica não leva suficientemente em consideração.

Ainda que nossa reflexão se tenha dilatado quase exclusivamente sobre a problemática da mentalidade individualista, como ameaça e desafio à fé e sobre as tentativas pastorais de responder a ela, também constatamos outra situação fundamental de provocação à fé: a situação de injustiça estrutural de nosso país (Continente). A injustiça social, que se estrutura nos mecanismos sociais — econômicos, políticos e culturais —, tem profundas repercussões sobre a problemática das mentalidades e ideologias em nosso país.

Em nível de ideologia, tem acontecido uma identificação fáctica entre ideologia capitalista e conservação desse sistema injusto de um

lado, e ideologias de esquerda e transformação desse sistema. Assim quando as expressões de fé, por razões diversas, tomam distância das ideologias de conservação, são logo acusadas de "comunismo". E por outro lado, quando elas tomam distância das ideologias de esquerda, são imediatamente ou subsumidas pelo "status quo" como expressão de defesa do sistema capitalista — em geral ocultado sob a expressão de "civilização ocidental cristã" — ou condenadas pelas esquerdas como "ópio do povo" e mantenedoras da dominação vigente.

O desafio primordial à fé é feito pela situação de injustiça enquanto tal. Mas decorrente dessa situação, em torno da qual travam seus combates as ideologias vigentes, a fé se vê imediatamente envolvida por tais embates ideológicos. E como não se tem controle sobre os meios de comunicação social, que desempenham hoje papel fundamental nas lutas ideológicas, as práticas e expressões de fé dos cristãos têm caído fortemente sob o tiroteio ideológico desse meios.

De fato, tal entrevero ideológico tem provocado nos cristãos enjogados uma aproximação às ideologias de esquerda e aos cristãos bem situados na Sociedade à ideologia capitalista de direita, de conservação. As verdadeiras opções se dão verdadeiramente no campo político e ideológico, mas com amplas repercussões nas discussões sobre práticas e expressões teológicas da fé.

* * *

Concentramos fundamentalmente nossa atenção sobre os desafios e impacto que a mentalidade individualista, percebida como dominante e em expansão, tem produzido sobre a vida de nosso povo. Mas notamos que não é totalmente dominante, porque existe ainda no meio sobretudo das classes populares uma outra dinâmica, voltada à colaboração, à participação, à solidariedade (*pergunta 1*).

Os cristãos sofrem igualmente esse duplo impacto. Aqueles que estão mais inseridos na sociedade moderna se submetem à forte pressão da mentalidade individualista, enquanto que os cristãos das comunidades eclesiais de base de extração social popular resistem e criam práticas de solidariedade e gratuidade, mesmo quando estão envolvidos nas lutas reivindicatórias de certo caráter individualista (*pergunta 2*).

Constatamos também que não é menor desafio à fé cristã a escandalosa situação de injustiça social, em que nosso país vive. E em torno das práticas pastorais dos cristãos no campo da justiça social trava-se, mesmo à revelia de suas vontades, jogo ideológico das forças de esquerda e de direita. As primeiras identificam-se com as críticas ao sistema. As segundas apóiam qualquer iniciativa pastoral que pareça, ainda que

de longe, defender o sistema ou resistir às estratégias esquerdistas (*pergunta 3*).

A inserção no mundo moderno, sobretudo da produção econômica, tem produzido uma perda da tradição popular solidária, favorecendo o fortalecimento da mentalidade individualista (*pergunta 4*).

Vimos finalmente que o caminho pastoral vislumbrado por nossa Igreja vai na direção de fomentar as comunidades eclesiais de base e explicitar cada vez mais a dimensão de gratuidade e de fraternidade da fé cristã, em oposição à avassalante mentalidade individualista (*pergunta 5*).